

BASÍLICA DO CARMO DO RECIFE: ONTEM E HOJE

Autoras: Angélica de Oliveira Moraes*

Marcela Virgínia da Rocha Andrade*

Orientadora: Emanuela Sousa Ribeiro**

Resumo

A construção da Basílica do Carmo iniciou-se no fim da metade do século XVII, no terreno originalmente ocupado por um dos palácios de Maurício de Nassau, o “Palácio da Boa Vista”. Logo após a expulsão dos holandeses, a Ordem Carmelita recebeu-o em doação e o reformou para uso, a princípio, como hospedaria para a comunidade que estava se formando naquele local. A construção durou cerca de setenta e sete difíceis anos, superando embargos, conflitos políticos e a falta de recursos para sua conclusão. No ano de 1938, a Basílica foi tombada como patrimônio histórico e artístico nacional e, desde então, vem recebendo certa atenção no tocante às questões de restauração e conservação de sua estrutura. Por meio desta pesquisa, queremos não só resgatar a história de sua construção, como também ressaltar sua importância como monumento, ao longo de mais de três séculos de existência.

Palavras-chave: Carmelitas, patrimônio, restauração, conservação.

Abstract

The construction of Basílica of Carmo started in the end of XVII century, on the land originally occupied by one of the palaces of Maurício de Nassau, the “Palace of Boa Vista”. After the expulsion of the ditches, the Carmelite Order received it in donation, and reformed of

* Graduada em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Estagiária do Laboratório do Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco (LABMUSARQ - UNICAP).

** Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); professora assistente da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e historiadora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

the use, at the beginning as hostel for the community that was forming in that place. The construction lasted about seventy-seven difficult years, overcoming embargoes, political conflicts and lack of resources for its conclusion. In the year of 1938, the Basílica was protected as national historic and artistic heritage and since then has received some attention with regard to issues of restoration and conservation of its structure. Through this search, we not only rescue the history of its construction, but also highlight its importance as a monument, along with more than three centuries of existence.

Keywords: Carmelites, heritage, restoration, conservation.

Os Carmelitas em Pernambuco

Antes de iniciarmos nosso trabalho sobre a Basílica do Carmo, falaremos dos Carmelitas, Ordem religiosa responsável pela construção deste complexo¹, que é um dos monumentos de maior esplendor dentro do estado de Pernambuco.

Os primeiros seguidores carmelitas apareceram no século XI, na região do Monte Carmelo, situada hoje em Israel. Com o passar dos anos, como consequência do movimento das Cruzadas, homens e mulheres induzidos a propagar a fé “em nome de Deus” e em busca de lugares “santos”, afluíram por diversos países. Quando se encontravam na Palestina, por causa de dificuldades políticas e religiosas surgidas devido às investidas dos sarracenos naquele país, muitos foram massacrados e os seguidores de outros países que conseguiram escapar tiveram permissão para voltar aos seus países de origem. Com isso, surgem na Europa os Conventos, tendo grande destaque os de Messina, Hulne e Cambridge.

No século XVI, o cotidiano dos povos europeus continuava recebendo grande influência da religião católica. Porém, com a afirmação de algumas das teses propostas pelos renascentistas – dentre elas a confirmação da terra não ser quadrada, como o povo acreditava – e pela

¹ Ao falar complexo, queremos nos referir à Basílica, ao Convento de Nossa Senhora do Carmo e à Igreja de Santa Terezinha, esta última pertencente aos Carmelitas da Ordem Terceira, criada no ano de 1695.

discordância de alguns de seus membros com relação aos dogmas católicos, surge o movimento da reforma Protestante, que ia contra as imposições feitas pela igreja aos seus seguidores. Não tardou para que a igreja se mobilizasse e iniciasse a Contra-Reforma, com a qual combateria o crescimento do Protestantismo e buscaria converter mais fiéis ao catolicismo.

Ainda no século XVI, tendo portugueses e espanhóis grande domínio no tocante à navegação intercontinental, os carmelitas foram convidados por estes reinos para uma missão, que tinha como propósito “ganhar as almas dos povos encontrados nas Américas, que ainda estariam imunes às heresias dos protestantes europeus.” (MONTEZUMA:2002). Com isso estavam aliados os objetivos econômicos luso-espanhóis com a necessidade de catequese do gentio. Esse é o fator de maior influência para que as ordens religiosas viessem para a América.

Os Carmelitas receberam um convite, no ano de 1580, do então governante português, D. Henrique, para que fizessem parte da esquadra comandada por Frutuoso Barbosa, que tinha como propósito a conquista da Paraíba. Os primeiros integrantes da Ordem vindos para o Brasil foram Frei Alberto de Santa Maria, Frei Bernardo Pimentel, Frei Antônio e Frei Domingos Freire, que era o superior. Ao chegarem, receberam do Pe. Mestre Frei João Cajado, então Vigário da Província do Recife, uma carta patente que lhes dava permissão de fundar conventos, instituir confraternidades, receber noviços, catequizar índios e propagar a devoção ao Santo Escapulário.

A conquista da Paraíba não se concretizou; alguns Carmelitas ficaram aqui no Nordeste e outros foram para o Sul do Brasil. O primeiro convento erguido pela Ordem, aqui em Pernambuco, foi o Convento de Santo Antônio do Carmo, em 1584, na cidade de Olinda.

Histórico da construção da Basílica

O motivo da construção da casa de Recife foi o crescimento contínuo da Ordem por todo o país. Tinham por necessidade fixar seu estabelecimento na referida Província, que também estava em expansão. Afirmam alguns historiadores que os religiosos se estabeleceram após o término do domínio holandês, em 1654. Todavia, no Livro de Tombo do Carmo, do Recife, consta que, já no ano de 1641, foi feita a doação de umas casas na área para os Carmelitas para

que pudessem ali se instalar. Isto despertou descontentamento de parte dos que ficaram no convento de Olinda e não queriam que um outro convento fosse erguido.

Receberam, por doação, pelos serviços que já prestavam ao povo e aos governadores da capitania de Pernambuco, o “Palácio da Boa Vista”, que pertencera ao Conde João Maurício de Nassau e foi construído em 1643. Era a “sua casa de recreio chamada inicialmente de casa da Bela Vista, erguida em terreno por ele adquirido à Companhia das Índias Ocidentais, localizado na cabeceira da ponte sobre o rio Capibaribe que ligava a cidade Maurícia ao continente.” (SILVA:2008). O escritor Garpar Barlaeus chamava-o de “Alcácer da Boa Vista”; o pintor e paisagista Frans Post retratou-o em livro, publicado em Amsterdã, em 1647.

A princípio, a hospedaria, servia tanto para abrigar os religiosos como para atender a comunidade que ali se formava. No local, montaram um oratório, e a primeira santa que eles ali veneraram foi Nossa Senhora do Desterro. Iniciaram a construção do primeiro convento entre 1663-1667.

“Em 1679 como se queixavam da questão de insalubridade da casa da Boa Vista vieram receber os carmelitas do Recife, em 5 de maio daquele ano, uma área com 100 braças de terra de salgado, isto é, de terras alagadas pela maré alta em torno do primitivo hospício, para nelas construir algumas oficinas e o seu quintal.” (SILVA:2008).

Embora tenha sido feita esta doação, o espaço ainda não era suficiente para que fossem desenvolvidas todas as atividades. Foi quando o capitão Diogo Cavalcanti Vasconcelos, senhor de engenho casado com D. Catarina Vidal de Negreiros, filha de André Vidal de Negreiros, então governador da capitania de Pernambuco e irmã do frei Francisco Vidal de Negreiros, um dos primeiros moradores da Ordem, se comprometeu em escritura pública, no ano de 1685, construir às suas custas a capela-mor de uma nova igreja que teria por intenção a Nossa Senhora do Monte Carmelo. Em troca queria o direito de ser sepultado no local juntamente com sua mulher e herdeiros. O responsável pela execução serviço foi Antônio Fernandes de Mattos, figura das mais importantes no que dizia respeito a construções no Recife, no final do século XVII. Pelos registros encontrados, as obras se iniciaram no ano de 1690.

A construção foi várias vezes suspensas pelo governo da Capitania de Pernambuco e pela Coroa portuguesa, foram os conflitos políticos ocorridos entre os carmelitas de Recife com a Câmara de Olinda, e dos mesmos com os integrantes do convento de Olinda. O que estava por trás destes embargos eram os conflitos entre a nobreza rural olindense e a burguesia recifense. No ano de 1710, estes conflitos, também atrelados a outros fatores deram origem a Guerra dos Mascates. O término da construção se deu em 1767, data em que seu frontispício foi terminado, de acordo com data inscrita no mesmo.

Estrutura física da Basílica

Seguindo as tendências predominantes da época, a construção da Basílica do Carmo segue os estilos barroco e rococó, que contam com riqueza de detalhes, tanto na parte interior como na exterior de sua estrutura.

Na área externa, tem destaque, entre as janelas, dois nichos com estátuas, interligados na parte superior aos óculos², obturados com grades e emoldurados. Acima, seu frontispício tem forma triangular, de vértices truncados e lados curvos; tem integrado o brasão da Ordem, pesadas volutas³ floreadas, e culminando com um nicho que tem a imagem de Nossa Senhora do Carmo, pináculos⁴ e uma cruz.

Lateralmente a igreja possui duas torres: a da direita permanece inacabada, e a da esquerda, com cerca de cinquenta metros de altura, ergue-se em quatro pisos, com aberturas de forma e tamanho variáveis. A base é uma porta com arco pleno e, acima, abrem-se, sucessivamente, uma porta de arco abatido, com balaústre, um óculo simples, e uma janela sineira também em arco pleno.

No interior, sua decoração, em talha dourada, é de valor inestimável. Entre os pontos altos destacam-se a capela-mor, duas capelas secundárias e seis altares, ricamente ornados.

² Aberturas arredondadas de vidro cuja função é iluminar o ambiente.

³ Ornatos em espiral.

⁴ Parte mais elevada de um edifício.

No teto existe um painel, cujo autor é o artista João de Deus e Sepúlveda. Nele aparece Elias subindo aos céus em seu cavalo de fogo. Segundo alguns documentos, o fato da nave ter sido pintada por Sepúlveda, indica que, provavelmente, tenha sido ele o mesmo pintor dos demais altares e capelas da Basílica.

A capela-mor profunda, segue o estilo *rocaille*⁵, sendo toda em talha dourada. Tem desenhos acantícos e nervuras, é obra datada de 1780. Desde o século XVIII, possui uma abóbada ogival geminada da mesma altura da cornija da nave. O seu altar principal, totalmente revestido por talha dourada, é dominado pela imagem policromada em tamanho natural de Nossa Senhora do Carmo, cercada por anjos e ladeada pelas imagens dos profetas Elias e Eliseu. Estas imagens têm origem portuguesa e teriam vindo para Pernambuco pouco antes da invasão holandesa, em meados de 1630.

A princípio, em carta pública escrita em 4 de novembro de 1696, a capela do Santíssimo Sacramento, que se encontra do lado direito da Basílica, foi construída para atender as atividades da Ordem Terceira do Carmo. Também em estilo rococó, com destaque para a imagem de Jesus Crucificado, no centro do altar, toda policromada e de “douramento” tratejado⁶.

As intervenções, feitas nos séculos XIX e XX, acabaram descaracterizando alguns aspectos originais do interior do prédio, sobretudo no que diz respeito à pintura e ao douramento da talha. Praticamente toda a Basílica foi repintada de branco e dourado, numa alusão ao renascimento, buscando um clima mais clássico para o ambiente religioso, sem o acompanhamento de profissionais qualificados para tal tipo de intervenção. Tais modificações, seqüenciadas - reposição das peças - efetuadas de maneira desordenada, causou tumulto no visual das talhas ornadas e das cores claras e suaves, quebrando a proposta artística inicial. A implantação de um sistema de iluminação também foi um dos itens que modificou o visual da igreja.

Em 1973, o painel de Sepúlveda foi recuperado pelo restaurador José Ferrão Castelo Branco. A nave, pintada por Sepúlveda, posteriormente foi recoberta, no século XX, pelo pintor

⁵ Rococó, na língua francesa.

⁶ Técnica italiana que utiliza uma seqüência de cores, substituindo o douramento.

Henrique Moser, com alterações singulares desnecessárias. Até hoje se projeta a importância de uma restauração de qualidade, que resgate a identidade do painel.

Um projeto de restauração recente, na capela-mor, durante prospecções, revelou toda a beleza da decoração marmoreada, típica do século XVIII, sendo a Basílica reinaugurada em 6 de julho de 2001, após três anos de trabalhos. Outras alterações no altar-mor incluíram a entronização da atual imagem de Nossa Senhora, uma outra de Cristo e a instalação de um relicário para guardar as hóstias sagradas. Esta restauração também contemplou o cadeiral de jacarandá, com a recomposição de partes perdidas da madeira e a recuperação dos seis painéis com imagens de santos e das seis tribunas com balaústres, que ficam acima do cadeiral. A aplicação de folhas de ouro, para recuperar as partes douradas, foi utilizada apenas na lua e no sol existentes no forro; no restante do altar foi utilizada a técnica do tratejo. Toda a obra foi feita a partir das doações dos fiéis com capital levantado pela própria igreja.

A capela do Santíssimo Sacramento foi restaurada entre os anos de 2000 e 2003, totalmente financiada pelas doações dos fiéis e vendas de CD's com músicas religiosas, produzidas pelo Frei Damião, e comercializados dentro da própria igreja.

A Capela de São José, restaurada recentemente, teve uma composição diferenciada das outras estruturas. Financiada pelo BNDES, (Banco Nacional de Desenvolvimento Social) suas obras duraram cerca de três anos. Recebeu douramento com folhas de ouro originais e mica. Foi reintegrado cautelosamente para não comprometer o aspecto original pintura e da talha.

Restauração e conservação do Monumento

No ano de 1937, surge no Brasil um departamento encarregado de cuidar dos patrimônios, cuja importância tem significado através das projeções históricas do local situado. A Basílica do Carmo, do Recife, foi tombada pelo patrimônio histórico e artístico nacional, em 5 de outubro de 1938. Tal patente deu ao prédio respaldo para receber tratamentos adequados para sua estrutura física e conservação de um símbolo não só de caráter religioso, mas também histórico.

Porém, os dados mais concretos que se tem de pedidos para restaurações da Basílica, datam das décadas de 40 e 50, sem muitos pedidos estéticos, apenas para o melhoramento da estrutura que então se apresentava frágil. Num estudo mais aprofundado é possível encontrar conteúdos sobre restauração da talha e do forro abóbado da capela lateral à direita do cruzeiro (1950); embargo da obra do primeiro andar superior da sacristia (1951); obras para preparação do Congresso Nacional do Escapulário (1952); reparos no telhado da Basílica (1955-1958) e obras nas celas dos frades (1959).

Na década de 60, havia necessidade de cuidados urgentes e especiais. Estes se evidenciaram com um lutuoso acidente ocorrido durante uma missa, no qual a taça de uma das tribunas da capela-mor atingiu fatalmente um fiel, em janeiro de 1965. Tal acontecimento exigiu a participação mais efetiva de profissionais competentes na área a ser analisada como se vê no relatório da vistoria realizada na Basílica, que se encontra no IPHAN⁷, datado de 30 de janeiro de 1965, tendo como autores Carlos Gama Brêda, Carlos Albuquerque Teixeira, Neuzildo Seabra de Lima, todos eles engenheiros da Prefeitura Municipal do Recife.

Sobre essa época, é possível também ter acesso a documentos que falem sobre o piso de madeira da biblioteca (1961); vistoria na estrutura da cobertura da Basílica (1961); restauração da fachada da Basílica (1961); restauração do frontispício da Basílica – parecer de José Luiz da Mota Menezes; recuperação dos guarda-corpos das janelas (1962); acidente no interior da igreja (desabamento de parte do púlpito/1965); obras de restauro do telhado (1965), e remoção da pintura da cantaria (1969). Serviços esses sob total conhecimento do chefe do 1º distrito da DPHAN, Ayrton de Almeida Carvalho.

Até então não se vê nada relacionado a nenhum tipo de intervenção, ou restauração, na Capela de São José, onde apenas pequenos reparos não exigentes de solicitações do IPHAN para que se possa intervir, são executadas.

A partir das décadas de 70 e 80, tornam-se visíveis as necessidades da capela de S. José, tendo sido informada a queda da coluna do altar de S. José. O Dr. Augusto C. da Silva Telles

⁷ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que também teve os nomes de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN).

(diretor da DCR/SPHAN), no dia 14 de dezembro de 1981, informa a impossibilidade do atendimento, naquele exercício, em virtude da limitação de verba, alegando ter estimativa para obras a serem liberadas no início de 1982. O laudo desse acidente não foi divulgado.

Mas, o interesse maior continua sendo a nave, que recebe maior atenção. Em 31 de julho de 1980, o Dr. Fausto Alvim Junior (Consultor do FNPM), negocia com Dr. Ayrton de Almeida Carvalho - chefe do 1º distrito da DPHAN - a realização de eventual exame radiográfico do teto da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Foi elaborado, com Ferrão, estando “curiosíssimo em saber o que encobre o carro do profeta Elias e as atuais pinturas nos medalhões”.

Na década de 90, as políticas patrimoniais já criadas são aperfeiçoadas e começa um trabalho de conscientização da população quanto à preservação dos bens considerados patrimônio. Isso não é apenas perceptível no convento e Basílica do Carmo, como também em vários outros pontos considerados, assim como ela de grande valor histórico. A questão de conscientização é de suma importância, pois os monumentos não servem apenas para embelezar as paisagens; eles retratam, de certa forma, a história de um povo em determinada época.

Referências bibliográficas

1. A trisecular imagem de N. S. do Carmo, que se venera na mesma Igreja, por um devotado filho do Carmelo. **Convento e Basílica do Carmo do Recife:** a trisecular imagem de N. S. do Carmo. Recife: Diário da Manhã, 19--.
2. BOITO, Camillo. **Os restauradores** (conferência feita na Exposição de Turim em 07/06/1884). São Paulo: Ateliê Editorial, 2003
3. CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.
4. GUERRA, Flávio da Motta. **Velhas igrejas e subúrbios históricos**. Recife: PMR – Departamento de Documentação e Cultura, 1978.
5. MONTEZUMA, Roberto. **Arquitetura Brasil 500 anos:** uma invenção recíproca. Recife: Editora da UFPE, 2002. Volume 1.
6. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é Patrimônio**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

7. PIO, Fernando. **Edição comemorativa do primeiro centenário da sagração da igreja.**
Editora: Empresa “Jornal do Comércio” S/A. Recife, 1937.
8. PIO, Fernando. **Igrejas do Recife.** Recife: Empresa Metropolitana de Turismo, 1968.
9. SILVA, Leonardo Dantas da. Pernambuco Preservado. Recife: CEPE, 2008.